

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE ARTES – CEART
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

JULIANA SCHMIDT

**A OFICINA DE VIOLINO NA ORQUESTRA EXPERIMENTAL DA ESCOLA
NÚCLEO DO PIBID MÚSICA UDESC**

FLORIANÓPOLIS

2019

JULIANA SCHMIDT

**A OFICINA DE VIOLINO NA ORQUESTRA EXPERIMENTAL DA ESCOLA
NÚCLEO DO PIBID MÚSICA UDESC**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Música do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Müller

FLORIANÓPOLIS

2019

JULIANA SCHMIDT

**A OFICINA DE VIOLINO NA ORQUESTRA EXPERIMENTAL DA ESCOLA
NÚCLEO DO PIBID MÚSICA UDESC**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Música.

Banca Examinadora

Orientadora:

Prof^a. Dra. Vânia Beatriz Müller
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

Prof^a.Dra. Regina Finck
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

Prof. Ms. Fernando Bresolin
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis - SC, julho de 2019

Aos meus alunos e alunas, fonte
inesgotável de aprendizado.

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... à professora e orientadora Dr^a. Vânia Müller, foi o seu profundo entusiasmo e conhecimento na área da educação musical que me estimulou a buscar uma reflexão mais aprofundada durante o curso e ao realizar esta pesquisa... muito obrigada por toda contribuição e apoio!

... à professora Dra. Regina Finck, pelos ensinamentos preciosos durante o curso e por ter aceitado meu convite para compor a banca.

... ao professor Ms. Fernando Bresolin, professor, violinista e artista que admiro muito, obrigada por aceitar meu convite para fazer parte da banca.

... à professora Ms. Cecília Pinheiro Machado pela atenção e generosidade nas orientações de estágio.

... a todos os professores do Departamento de Música da UDESC, que contribuíram para minha formação.

... à professora Maria da Conceição Coppete, pelas conversas e palavras que me inspiraram profundamente ao escrever este trabalho.

... aos meus alunos e alunas da oficina de violino da escola Simão José Hess, pelo comprometimento, dedicação e por todos os aprendizados.

... à minha família, por todo amor, apoio, incentivo e compreensão constantes.

... à Ana Cristina Zimmermann, que no sentido exato da palavra companheira, deu o apoio, o carinho, a segurança e a compreensão durante todo o percurso desta pesquisa.

... aos amigos Marcos Rocha e Mayer Soares, pela forte amizade e pelos conselhos e incentivos que ofereceram durante todo este processo.

... a todos os amigos que fiz dentro e fora do curso de Licenciatura em Música.

... a Universidade do Estado de Santa Catarina, por (ainda) ser pública, gratuita e de qualidade.

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina

SCHMIDT, Juliana. **A OFICINA DE VIOLINO NA ORQUESTRA EXPERIMENTAL DA ESCOLA NÚCLEO DO PIBID MÚSICA UDESC.** 2019. 60p.; Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Licenciatura em Música, Florianópolis, 2019.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe-se discutir e trazer reflexões sobre como se dá o processo de aprendizagem musical de estudantes de violino no contexto coletivo. Trata-se de um estudo de caso sobre minha experiência como professora da oficina de violino realizada na escola EEEB Simão José Hess. Os procedimentos metodológicos baseiam-se no referencial dos estudos qualitativos, com registro em diário de campo, entrevista com alunos e registros em áudio e vídeo. A revisão de literatura aborda brevemente o histórico do ensino coletivo e o ensino coletivo como ferramenta pedagógico-musical. A análise dos dados está organizada em três tópicos: sob o olhar da professora, sob o olhar das/os instrumentistas e a oficina de violino na Orquestra Experimental. As principais considerações indicam que o ensino coletivo contribui para a motivação, desenvolve o aspecto colaborativo entre os estudantes e o aprendizado por observação.

Palavras-chave: Educação Musical, Escola Núcleo, Ensino Coletivo, Oficina de violino, PIBID.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Escola Estadual Básica Simão José Hess..... | 17 |
| Figura 2 - Escola Estadual Básica Simão José Hess..... | 18 |
| Figura 3 - Turma da oficina de violino, ano 2019 | 26 |
| Figura 4 - Transporte de violinos do DMU para a escola Simão José Hess | 27 |
| Figura 5 - Armário da oficina de violino..... | 28 |
| Figura 6 - Nina (à direita), 9 anos, ensinando a aluna nova de 11 anos..... | 30 |
| Figura 7 - Matheus (em pé) ensinando a postura da mão do arco para Marcos (sentado), entre eles, Nina observando | 31 |
| Figura 8 - Rayane (à direita) e Mara (à esquerda) afinando o violino sozinhas. | 32 |
| Figura 9 - Ensinando a postura aos alunos..... | 34 |
| Figura 10 - Forma de notação das músicas no quadro..... | 35 |
| Figura 11 - Antônio: aluno particular que participa da oficina de violino e da Orquestra Experimental | 37 |
| Figura 12 - Caroline: ex professora de português da escola Simão José Hess e estudante da oficina de violino | 38 |
| Figura 13 - Mara: professora de libras da escola Simão José Hess e estudante da oficina de violino..... | 39 |
| Figura 14 - Mara (à esquerda) e Rayane (à direita) estudando juntas, antes do horário da oficina..... | 40 |
| Figura 15 - Nina e Matheus: “aprender entre colegas é mais divertido”..... | 41 |
| Figura 16 - Mônica: da comunidade para a escola | 41 |
| Figura 17 - Henrique, estudante do 1º ano da escola Simão José Hess | 42 |
| Figura 18 - Apresentação da Orquestra Experimental | 47 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. ENSINO MUSICAL COLETIVO | 13 |
| 1.1 Breve Histórico | 13 |
| 1.2 O Ensino Coletivo como ferramenta pedagógico-musical | 15 |
| 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 17 |
| 2.1 O Contexto da Pesquisa: a escola José Simão Hess e o PIBID MÚSICA UDESC | 17 |
| 2.2 Abordagem Qualitativa | 20 |
| 2.3 Coleta de Dados | 21 |
| 3. A OFICINA DE VIOLINO NA ESCOLA NÚCLEO DO PIDID MÚSICA | 26 |
| 3.1 Sob o olhar da professora | 29 |
| 3.2 Sob o olhar das/os instrumentistas | 36 |
| 3.3 A Oficina de violino na Orquestra Experimental | 43 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| REFERÊNCIAS | 49 |
| ANEXOS | 51 |

INTRODUÇÃO

Durante a formação acadêmica no curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), tive a oportunidade de ampliar minha experiência como professora. Atuei como professora da oficina de violino na EEEB¹ Simão José Hess por 7 semestres consecutivos. Os dois primeiros foram através do Estágio Curricular Supervisionado e os seguintes, pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Antes de cursar Licenciatura em Música, obtive graduação em Bacharelado em Música, com habilitação em violino, pela UDESC. Com foco na formação de instrumentistas, no Bacharelado grande parte das disciplinas são voltadas para conteúdos específicos do instrumento e outras disciplinas teóricas estritamente relacionadas à música. Apenas uma disciplina trata da didática em relação ao ensino do instrumento com duração de apenas dois semestres.

Três anos após concluir o Bacharelado, senti que precisava voltar à universidade para cursar a Licenciatura, pois estava interessada em me aprofundar na área da Educação Musical, considerando que sou professora de violino desde 2005. Esta segunda graduação fez com que minha percepção sobre a Educação Musical se transformasse. Os contatos com a literatura sobre educação, educação musical e sobre a área específica do ensino coletivo, além da prática como professora em uma escola pública estadual possibilitaram enxergar outras possibilidades pedagógicas que influenciaram minha maneira de pensar o ensino.

O envolvimento com a oficina de violino e a Orquestra Experimental² da escola Simão José Hess durante este período de formação me instigou refletir com maior profundidade sobre esta experiência. Escrever sobre algo com o qual estava intensamente envolvida foi muito motivador, também por ser um registro de um programa tão importante para a educação, o PIBID MÚSICA.

Anterior a minha atuação nesta oficina, já havia vivenciado outras experiências com o ensino coletivo de violino. Por 11 anos (2005-2016) fui professora do Projeto Educando com Música, em São Pedro de Alcântara-SC. Este

¹ Escola Estadual de Ensino Básico (EEEB).

² Nome dado à orquestra devido à formação instrumental não usual e diversificada.

projeto atendia crianças e adolescentes de uma escola municipal na qual eram oferecidas aulas de violino, viola, violoncelo, piano e teoria musical. Durante o Bacharelado, também tive a oportunidade de ministrar, no período de estágio, uma oficina de violino no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) durante dois semestres.

Neste trabalho de conclusão de curso, proponho discutir e trazer reflexões sobre minha experiência como professora de violino durante o Estágio Supervisionado e o PIBID, mencionados anteriormente. Trata-se, portanto, de um estudo de caso que compreende o período de 2016/1 a 2019/1 em turmas compostas em média por 10 alunos numa faixa etária mista. Durante este período foram realizadas entrevistas com diversos estudantes além de registros em fotografias e vídeos para fins de pesquisa.

As entrevistas serviram de base para construção deste trabalho, que tem por objetivo aprofundar reflexões sobre a prática do ensino coletivo com foco em estudantes de violino. Dentro desta perspectiva, as entrevistas foram fundamentais para pesquisa e análise, servindo de apoio para o processo reflexivo enquanto professora em formação.

Este trabalho está estruturado em 3 capítulos. O primeiro apresenta uma breve revisão de literatura sobre o ensino musical coletivo. O segundo descreve os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa com detalhamento sobre os procedimentos. E o terceiro capítulo apresenta uma análise da oficina de violino sob a perspectiva da professora, dos instrumentistas e da oficina de violino na orquestra experimental. Esta análise desenvolve um diálogo entre os dados da pesquisa de campo e a literatura consultada.

1. ENSINO MUSICAL COLETIVO

Neste capítulo pretende-se abordar brevemente aspectos históricos sobre o ensino instrumental coletivo bem como reunir conceitos e sua aplicabilidade na área da educação musical.

1.1 BREVE HISTÓRICO

A metodologia coletiva de ensino dos instrumentos de cordas iniciou-se em 1850, nos Estados Unidos e posteriormente nos países europeus, sendo aplicada em larga escala a partir de 1890, na Inglaterra (YING, 2007). Segundo o autor, o interesse do público para o estudo da música instrumental aumentou com a presença de orquestras europeias que se apresentavam em excursões pelos Estados Unidos. Este fato contribuiu para a abertura de vários conservatórios e escolas de música, além dos professores itinerantes, que viajavam ensinando música.

Segundo Ying (2007), a prática de ensino de instrumentos de cordas de forma coletiva, nos Estados Unidos, foi implantada por professores de canto coral, que também ensinavam instrumentos. Sua origem estava profundamente ligada à prática coral religiosa. Os professores de música viajavam por várias cidades para ensinar as populações a cantar os cantos religiosos dos Estados Unidos e a tocar diversos instrumentos de sopros e de cordas. Pode-se considerar que este fato contribuiu para o desenvolvimento de metodologias específicas para o ensino coletivo dos instrumentos de cordas e de sopros.

No Brasil, a sistematização e o uso do ensino musical coletivo surgiram a partir da década de 1930, com o Canto Orfeônico. Coordenado por Heitor Villa-Lobos, o Canto Orfeônico foi o primeiro projeto de implantação do ensino musical nas escolas (YING, 2007). Conforme Cruvinel (2004), Villa-Lobos recebeu forte influência dos “Métodos Ativos” de Ensino Musical da Europa, sobretudo o Kodaly. Este método tinha como base o estudo de peças do folclore húngaro e como ideologia o Nacionalismo.

O ensino musical por meio do Canto Orfeônico, segundo Noronha (2009) era focado num repertório de peças folclóricas brasileiras, hinos e canções de cunho

patriótico, além da música erudita. Noronha (2009) explica que Villa-Lobos defendia o forte controle por parte do Estado em relação às atividades ligadas à educação e à cultura. Este controle, segundo a autora, visava à ideia de valorização da “verdadeira cultura nacional”, que o levou à busca do elemento folclórico e ao propósito de defender a música brasileira “genuína” e de “valor”, ameaçada pela “baixa qualidade” da música estrangeira que invadia o país.

O Canto Orfeônico foi criado com a finalidade de ser aplicável em todo território nacional e de elevar o nível cultural geral dos alunos, preparando-os e alinhando-os civicamente com o pensamento político vigente da época, o Estado Novo de Getúlio Vargas (YING, 2007).

De acordo com Ying (2007, p.15) “a preocupação com a educação musical nas escolas nasceu da análise crítica da situação da cultura musical feita por Villa-Lobos à sociedade de sua época”. O propósito, segundo o autor, era formar uma identidade do povo enquanto nação através das canções folclóricas e hinos pátrios, cantados e apresentados em datas cívicas comemorativas, além de reforçar o patriotismo e a disciplina e melhorar o nível de educação musical de base.

Apesar de haver críticas da ligação desta proposta pedagógica a um regime político ditatorial, foi através do Canto Orfeônico que a prática Coral foi difundida pela rede pública de ensino de todo o país na década de 1930. Portanto, o Canto Orfeônico é considerado um marco no ensino musical escolar brasileiro e no ensino coletivo (CRUVINEL, 2004).

Na década de 1970, um projeto de ensino coletivo de instrumentos de cordas chamado *Projeto Espiral* foi iniciado pelo professor e violinista Alberto Jaffé e sua esposa, a pianista Daisy de Luca. Sua motivação era que “a experiência coletiva do ensino dos instrumentos de concerto era muito mais lúdica e agradável” além de estimular o espírito de colaboração e diálogo entre as pessoas, rumo à realização de objetivos comuns (FUNARTE, 2016).

Nascimento (2006) menciona que o modelo conservatorial é utilizado por grande parte das instituições de ensino musical brasileiras. Neste modelo a relação se estabelece de forma tutorial, professor e aluno. O ensino coletivo, por sua vez, tem como diferencial a relação entre os participantes, acompanhando teorias educacionais com foco na interação social.

Com a experiência adquirida no ensino de música, Jaffé criou seu próprio método de ensino coletivo de instrumentos de cordas, que colaborou com a formação de muitos dos principais músicos em atuação e até hoje é utilizado nas principais escolas de música do país (YING, 2007).

Além de Alberto Jaffé, há importantes nomes que utilizam o ensino coletivo como metodologia eficiente na iniciação instrumental, são eles: José Coelho de Almeida, Pedro Cameron, Maria de Lourdes Junqueira, Diana Santiago, Alda Oliveira, Cristina Tourinho, Joel Barbosa, Maria Isabel Montandon, Abel Moraes, João Maurício Galindo, entre outros (CRUVINEL, 2004).

1.2O ENSINO COLETIVO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICO-MUSICAL

O ensino coletivo é uma importante ferramenta para o processo de socialização e democratização do acesso à formação musical. É uma metodologia que vem obtendo resultados significativos em escolas, ONG's e projetos de musicalização onde vem sendo adotado. É um assunto discutido por um grande número de autores da educação musical, entre eles Swanwick (1994); Cruvinel (2003 e 2004), Montandon (2004), Tourinho (2007), Ying (2007), que procuram mostrar a importância dessa maneira de ensinar música.

Grande parte dos educadores musicais e instrumentistas tiveram sua formação através de aulas particulares, no modelo dos conservatórios e escolas de música tradicionais, onde o contato com o professor é exclusivo. Em contrapartida, uma aula coletiva privilegia mais de um aluno oportunizando aqueles que não têm acesso a uma aula particular.

O ensino coletivo é uma metodologia bastante eficaz e abrangente na busca pelo ensino da música. "Destá forma, é possível inserir a música em espaços que anteriormente não eram possíveis, seja pelo fato do afastamento cultural de algumas regiões ou até mesmo pela dificuldade em uma quantidade significativa de professores qualificados" (CARBONERA, 2014, p. 13).

Além disso, o ensino coletivo pode trazer muitos benefícios para a formação musical inicial. O aluno que aprende em meio a um grupo, aprende diferente. Segundo Swanwick (1994) fazer música em grupo aumenta nosso leque de

experiências, incluindo o julgamento crítico da execução dos outros e a sensação de se apresentar em público. O grupo, segundo Swanwick (1994, p.10), pode fornecer motivação e estímulo ao “prestar atenção no som de outra pessoa, na postura e estilo de performance, seu desenvolvimento técnico e reconhecimento de suas dificuldades.” Além disso, existe a possibilidade da aprendizagem por observação indireta, por apenas “estar ali presente”.

Tourinho (2007, p.2) afirma que muitos professores se contrapõem a crença do ensino coletivo:

O professor de aulas tutoriais se baseia no modelo de Conservatório e defende a atenção exclusiva ao estudante como a única forma de poder conseguir um resultado efetivo. Pode-se argumentar em favor do ensino coletivo que o aprendizado se dá pela observação e interação com outras pessoas, a exemplo de como se aprende a falar, a andar, a comer. Desenvolvem-se hábitos e comportamentos que são influenciados pelo entorno social, modelos, ídolos.

Com base nesses pressupostos, acredita-se que o aprendizado coletivo é fundamental para o desenvolvimento da vivência musical e social como um todo. Assim, é possível observar/comparar/avaliar a si mesmo sem necessidade de intervenções verbais explícitas (TOURINHO, 2007).

Esta metodologia de ensino pode ser significativa e transformadora em vários aspectos, tanto musicais quanto sociais. Outros benefícios sobre o ensino coletivo são apontados por Cruvinel (2003), tais como: o desenvolvimento da concentração, da percepção auditiva, da autoconfiança, da autonomia, da cooperação, da solidariedade, do respeito mútuo, da união do grupo, entre outros.

Sobre o ensino coletivo, o professor deve primeiramente conhecer e compreender a realidade do grupo, o meio social em que os alunos vivem para adequar os conteúdos ensinados nas aulas. Cruvinel (2003) destaca que a didática e a metodologia de ensino devem ser adequadas ao perfil e às necessidades de cada grupo.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho de pesquisa optou por procedimentos metodológicos de investigação qualitativos para dar conta do objeto empírico escolhido. As técnicas de coleta de dados foram: diário de campo, registros em áudio e vídeo e entrevistas semiestruturadas, os quais foram fundamentais para construir reflexões acerca do ensino coletivo. Apresenta-se também uma breve contextualização do campo de pesquisa: a Escola Estadual de Educação Básica Simão José Hess. Esta escola, além de ser um dos campos de estágio do curso de Licenciatura em Música é escola-núcleo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID MÚSICA) da UDESC e instituição onde atuei como professora de violino desde 2016.

2.1 O CONTEXTO DO CAMPO DE PESQUISA: A EEEB SIMÃO JOSÉ HESS E O PIBID MÚSICA UDESC

A Escola Estadual de Educação Básica José Simão Hess pertence à Rede Estadual de Ensino e situa-se no Bairro Trindade, em Florianópolis. Composta por 80 funcionários e aproximadamente 1200 alunos, a escola oferece estudo do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.



Figura 1- Escola Estadual de Educação Básica Simão José Hess (Acervo da autora, 2018).



Figura 2 - Escola Estadual de Educação Básica Simão José Hess (Acervo da autora, 2019).

A escola Simão José Hess possui uma estrutura similar a muitas escolas públicas (Figura 1 e 2). Em pelo menos dois dias da semana, após as aulas, tudo se transforma em melodias que percorrem as salas, chegando aos corredores e muitas vezes atraindo a atenção e a curiosidade de quem está ao lado de fora. Isso comprova que a música, assim como a arte em geral, não é apenas para aqueles que estão envolvidos diretamente com a prática.

Essas melodias começaram a se propagar em abril de 2014, através do PIBID MÚSICA. O PIBID é um programa de iniciativa do governo federal, através do Ministério da Educação e Cultura, pontualmente, da CAPES – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que tem como objetivo principal incentivar e elevar a qualidade da formação inicial de docentes em nível superior para a Educação Básica.

Desde então, o PIBID Música UDESC tem como escola parceira a escola Simão José Hess gestando, ali, uma Educação Musical em permanente processo de aprimoramento e inventividade, tendo como princípio norteador uma formação digna para futuras/os Educadoras/es Musicais, respaldada igualmente pela universidade e pela a escola.

Oficinas de violão, piano, pife, percussão, canto, violino (esta iniciada em 2016) são ministradas por pibidianos/as, sob a supervisão de uma professora da

escola. Algumas oficinas, inclusive a Orquestra Experimental, são campo de Estágio Curricular Supervisionado da Licenciatura em Música da UDESC. As oficinas acontecem uma vez por semana, nas terças-feiras, das 17h45 às 18h45. Nas segundas-feiras, no mesmo horário, as oficinas se reúnem para a prática da Orquestra Experimental, dando oportunidade aos alunos de terem uma experiência diferente da oficina, desta vez, tocando junto com outros instrumentistas.

Cerca de quarenta estudantes, logo após o sinal da escola, direcionam-se às salas das oficinas, cada um com seu instrumento, ou mesmo com instrumentos emprestados do Departamento de Música da UDESC (DMU) e tudo se transforma em uma verdadeira escola de música. Por trás de cada porta, um timbre diferente. Os participantes aprendem a técnica do instrumento, músicas que compõem o repertório da oficina e a partir de 2016, as primeiras músicas da Orquestra.

As oficinas são gratuitas, abertas aos alunos da escola Simão José Hess, pais/mães, professores/as, funcionários/as da escola e comunidade. As aulas são ministradas nas salas logo após o término das aulas do período vespertino, ou seja, os participantes que estudam à tarde permanecem na escola até o horário das oficinas, muito embora venham estudantes do período matutino e pessoas de fora da escola, incluindo crianças, adolescentes e adultos. Hoje há estudantes que, mesmo tendo trocado de escola, seguem nas oficinas do PIBID Música.

No início de cada semestre é feita a divulgação das oficinas. Estagiários da Licenciatura em Música, bolsistas e coordenadora do PIBID e também estudantes dos semestres anteriores passam de sala em sala, em horários de aula da escola, tocando e convidando as turmas a participarem. Na maioria das vezes, o número de alunos inscritos é maior que o número de vagas, portanto, dependendo da oficina, o aluno interessado fica em lista de espera ou participa mesmo assim, considerando que no caminho pode haver algumas desistências.

O Departamento de Música da UDESC cedeu instrumentos para serem utilizados durante as oficinas e em outros horários para estudo³. Foram cedidos 5 violinos (quatro de tamanho 4/4 e um 1/2), 2 violões, 3 pianos de armário (estes foram doados ao PIBID Música), 2 teclados e instrumentos de percussão variados.

³ Em intervalos e após as aulas da escola, por exemplo. Isto foi viabilizado principalmente porque alguns alunos demonstraram interesse em praticar fora do horário da oficina.

Quando não estão em uso, ficam guardados em armários que posteriormente são chaveados na sala de vídeo e na sala da oficina de violino. É comum que em poucos meses o/a estudante adquira seu próprio instrumento para praticar em casa.

Além das oficinas, os/as alunos/as podem ainda participar da Orquestra Experimental. O objetivo é que todos participem independentemente da experiência com o instrumento. É o momento em que todas as oficinas se reúnem para experimentar, criar, unir timbres diferentes e principalmente, fazer música!

O enfoque deste trabalho é na oficina de violino, na qual atuei por 1 ano (2016) como professora em formação durante o Estágio Curricular Supervisionado (disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Música) e durante 2 anos e meio (2017-2019/1) como bolsista do PIBID. A experiência dos estudantes da oficina de violino na Orquestra Experimental será outro tópico importante que norteia a presente pesquisa.

2.2 ABORDAGEM QUALITATIVA

A abordagem qualitativa contempla uma metodologia de investigação que “ênfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.11). Segundo Triviños (1987), entre os diversos tipos de pesquisa qualitativa característicos, talvez o Estudo de Caso, seja um dos mais relevantes.

Bogdan e Biklen (1994, p. 89) afirmam que o Estudo de Caso consiste na “observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”.

Conforme Gil (2008), o Estudo de Caso pode ter diferentes propósitos, tais como:

- a) Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e
- c) Explicar as variáveis causas de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos. (p. 58)

Este estudo foca sua atenção nas experiências de ensino-aprendizagem desenvolvidas na oficina de violino e ensaios da Orquestra Experimental realizadas

na escola-núcleo do PIBID MÚSICA UDESC e campo de estágio do curso de licenciatura entre os anos 2016 a 2019. Os diferentes instrumentos de pesquisa mencionados forneceram subsídios para registro detalhado de informações acerca deste caso, permitindo o aprofundamento das análises desta experiência. Por ser uma pesquisa que requer uma observação detalhada e reflexões diante de cada assunto abordado, o estudo de caso foi a metodologia que mais se adequou a este Trabalho de Conclusão de Curso.

Segundo Bogdane Biklen (1994), os investigadores inicialmente procuram locais ou pessoas que possam ser objeto de estudo ou fontes de dados, explorando indícios de como deverão proceder e qual a possibilidade de o estudo se realizar. No caso deste Trabalho de Conclusão de Curso, a Oficina de Violino da escola núcleo do PIBID Música é o objeto de estudo. Depois de reunirem, reverem e explorarem os dados, os investigadores devem seguir tomando decisões acerca do objetivo do trabalho, tais como organização e distribuição de tempo, escolha das pessoas que irão entrevistar e quais os aspectos a aprofundar.

Os aspectos aprofundados nesta pesquisa surgiram no decorrer da minha experiência como professora de violino na escola Simão José Hess. As entrevistas foram feitas com estudantes que, na percepção da pesquisadora, estavam mais envolvidos com as atividades da oficina e Orquestra Experimental.

2.3 COLETA DE DADOS

Esta pesquisa teve início em 2018, porém considera-se para análise registros realizados desde o ano de 2016, época em que atuava como estagiária na escola. Estes registros incluem os relatórios dos ensaios da Orquestra Experimental e das aulas da oficina de violino. Na época do início desta pesquisa (2018), a oficina de violino era composta por cerca de 7 alunos/as, diversificados em termos de idade, gênero e experiência com o instrumento. Na orquestra somavam-se em torno de 20 pessoas, contando com os professores de cada oficina e regente da Orquestra. Em 2019/1 aumentou para 14 o número de alunos/as inscritos na oficina de violino, sendo adolescentes em sua maioria. A Orquestra manteve um grupo em torno de 20 participantes, composto por crianças, adolescentes e adultos.

O registro no diário de campo era realizado sempre após as aulas, destacando as principais questões que apareciam em aula, como, por exemplo, como é o comportamento dos alunos no aprendizado coletivo? E também por outro lado, como professora, como tornar a aula interessante para alunos/as de níveis diferentes de aprendizado? E ainda, em que medida a prática musical dos alunos de violino na orquestra influencia no desenvolvimento técnico musical do instrumento? Essas e outras perguntas norteiam todas as indagações e reflexões obtidas no decorrer desta pesquisa.

Os registros em fotos, áudios e vídeos (que constam no acervo da autora e do PIBID MÚSICA UDESC) foram realizados em algumas aulas com o consentimento dos alunos para análise posterior sobre o desenvolvimento dos alunos e estratégias metodológicas utilizadas em cada aula.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 7 estudantes da oficina de violino e 1 professora (do curso de Pedagogia da FAED-UDESC) nos anos 2018 e 2019 (anexo, p. 56 e 57), com questões abertas que exploravam aspectos sobre o aprender/tocar em grupo, o que sentem em fazer parte deste meio musical.⁴ No caso da professora do curso de Pedagogia, Maria da Conceição, fez um relato⁵ sobre sua experiência ao assistir uma apresentação da Orquestra Experimental. Um verdadeiro presente para a Orquestra e para este trabalho

⁴Esta é uma das questões centrais de uma pesquisa em andamento do Grupo de Pesquisa *musicAR: Artisticidade. Cultura. Educação Musical*. do Departamento de Música da UDESC.

⁵ Situado a seguir.

REDESCOBRIR

(Gonzaguinha)

Como se fora
Brincadeira de roda
Memória
Jogo do trabalho
Na dança das mãos
Macias
O suor dos corpos
Na canção da vida
História
O suor da vida
No calor de irmãos
Magia

[...]

Entender
Que tudo é nosso
Sempre estive em nós
História
Somos a semente
Ato, mente e voz
Magia
Não tenha medo
Meu menino bobo
Memória
Tudo principia
Na própria pessoa
Beleza
Vai como a criança
Que não teme o tempo
Mistério

Cada vez que eu lembro daquela apresentação da Orquestra Experimental na véspera do dia dos namorados de 2019, eu lembro de Elis Regina cantando Redescobrir de Gonzaguinha; e então eu penso que Redescobrir é preciso! Que a Pedagogia precisa redescobrir a música! Que a Orquestra Experimental é preciso! Que ela é o próprio redescobrir! A Orquestra Experimental me ensinou com uma só apresentação a Redescobrir o quanto a Música é preciso! O quanto a música é precisa! O quanto de música a educação precisa! O quanto se precisa redescobrir com a música e pela música! Uma pedagogia musical ou educação pedagógica cantante!

Desde a entrada no auditório minha atenção foi capturada pela forma como o grupo estava colocado e como se colocava no palco. Um aparente caos aos olhos leigos, mas não ao olhar de quem vem tentando praticar uma observação ativa, desejo de uma parcela significativa de educadores, sobretudo pedagogos. Desde logo, aquelas pessoas pequenas e grandes, de pouca e muita idade, anunciavam alguma forma de não só estar naquele lugar, mas de a ele pertencer. Era um pertencimento que acabara de nascer, mas que em pouco tempo se agigantava na medida em que cada um e cada uma, tomava nas mãos seu instrumento. Parecia mais uma obra de arte sendo pintada aos poucos... um emaranhado de gente diversa e linda que se colocava aqui e acolá... uns sentavam, outros ficavam de pé, mais a frente, um pouco mais atrás, como se cada um soubesse exatamente o seu lugar porque ali havia sim um lugar previsto e demarcado para cada um e cada uma que ali estava! Sem disputas ou constrangimentos, cada qual era cada um

que no conjunto davam o tom preciso e bem feito no movimento de estar junto. Ali se encontravam pessoas educadas para “fazer soar”⁶.

Era lindo de se ver aquele conjunto, multicolor e multiforme que ia se dando a ver como as tintas na tela do pintor.

E a obra se fez! Nascida do silêncio e do som, na total fixação de cada membro, dava-se a ver uma Orquestra (nada) Experimental; parecia bem mais uma Orquestra Experiente onde cada componente sabia desde seu lugar ao tom de seu instrumento... lindo e emocionante estar na plateia sentindo-se parte daquela grandiosa obra de arte!

Chamou-me demais a atenção transbordante refletida na concentração de todos; notadamente estavam como os clássicos mosqueteiros, sendo “um por todos e todos por um”! Não precisou qualquer esforço por parte de quem estava na plateia focado mediante uma observação atenta, o quanto àquelas pessoas estavam em sintonia pelo movimento de suas mãos, de seus pés e, fundamentalmente, pela direção do olhar! Tal movimento foi se constituindo em uma crescente cumplicidade que paulatinamente se mostrava pela troca de olhares; como se conversassem sem pronunciar uma só palavra! Olhavam-se mutuamente e as vozes ecoavam no silêncio.

Uma notória capacidade de foco advinha daquele coletivo! Dava a impressão que piscar seria ali algo impensável, tamanha era a concentração. Contudo, esse movimento nada tinha de sisudez ou incômodo. Pelo contrário: dali do meu lugar o que eu via e sentia era a profunda leveza que esse olhar focado na professora e no movimento de todos para com todos, emanava! Havia ali o princípio fundante do diálogo, a escuta, havia ali um grupo educado, na acepção da palavra e da expressão (grupo educado).

Algo bom de ver, e melhor ainda de escutar e sentir! Esse movimento foi crescendo e contagiando toda a plateia! Não tive como não me emocionar! Não que não o devesse. Mas é que se tratava de algo inédito para mim que tomou proporções ainda maiores quando soube que algumas daquelas pessoas estavam ali pela primeira vez! Isso me faz pensar o quanto a música agrega, congrega, aproxima e oportuniza a interação entre as pessoas, sobretudo quando existe intencionalidade; componentes caros e imprescindíveis à educação! Urgentes na Pedagogia! E aí não há como não considerar a natureza educativa da música! Gosto de dizer que a música é altamente pedagógica. E a música, quando manifestada assim, como uma Orquestra Experimental faz acontecer aquilo que eu entendo como necessário para a gestão de uma sala de aula. Em outras palavras, partilho do entendimento de Celso Vasconcellos quando diz que a gestão da sala de aula tem três grandes

⁶ Refiro-me a uma das expressões inéditas para mim em seu sentido e significado na situação em que foi pronunciada pela prof.^a Vânia Müller, responsável pelo projeto e organizadora do trabalho.

dimensões: “o trabalho com o conhecimento; a organização da coletividade; e, a relação interpessoal.” E para que o professor, a professora possa cumprir aquilo que se espera da escola que no entendimento do mesmo autor, com o qual concordo integralmente que é “a aprendizagem efetiva, o desenvolvimento humano pleno e a alegria crítica de todos os alunos”, é fundamental que o professor, a professora, mobilize as três grandes dimensões da gestão da sala de aula que citei acima. Foi isso que vi acontecer no trabalho realizado pela professora Vânia Müller e sua equipe, em completa sintonia com todo o grupo. Vi as três dimensões materializadas nessa rica e notória experiência, no sentido que dá a essa palavra o pesquisador Jorge Larrosa, ou seja, experiência como aquilo que nos toca, que nos afeta, que nos transforma. O que presenciei e experimentei é assunto de sintonia. Ali se encontravam pessoas educadas para “fazer soar”. Que possamos, sobretudo nós, pedagogos e pedagogas também aprendermos!

Florianópolis, 20 de junho de 2019.
Maria Conceição Coppete
Professora do curso de Pedagogia
FAED/UEDESC

3 A OFICINA DE VIOLINO NA ESCOLA-NÚCLEO DO PIBID MÚSICA

Em abril de 2016 nasceu na escola Simão José Hess a oficina de violino, ministrada por mim, através do Estágio Curricular Supervisionado I e II do curso de Licenciatura em Música. Durante o andamento da disciplina, fui orientada pela professora Ms. Cecília Marcon Pinheiro Machado, a qual sempre dedicou sua atenção nas orientações e em visitas às aulas.

Minha motivação maior para iniciar a Oficina de Violino nesta escola foi devido a um “ambiente musical” que já vinha se formando desde 2014 através do PIBID MÚSICA UDESC, com oficinas de instrumentos variados. A Oficina de Violino era uma novidade tanto para a escola, quanto para os/as alunos/as. Um instrumento que culturalmente tem uma representação social burguesa, europeia, erudita, não os distanciou em nenhum momento, e sim, instigou a curiosidade e interesse de muitos.

Não foi difícil conseguir alunos para a oficina. Começou com dois na primeira semana e na seguinte já havia nove alunos/as. Até o final do ano de 2016 a turma se manteve com cerca de 7 alunos no total. Nos anos de 2017 e 2018 o número de alunos/as oscilava de 5 a 7, mas nunca inferior a 5. Em 2019 o número aumentou significativamente para 14 (Figura 3).



Figura 3 - Turma da oficina de violino, ano 2019. (Acervo da autora, 2019)

Nesta foto é possível identificar que esta turma é heterogênea, composta de crianças, adultos e adolescentes, entre eles estudantes e professores da escola Simão José Hess, mães de alunos e pessoas da comunidade.

Como nem todos possuíam um instrumento próprio, os/as alunos/as utilizavam os violinos emprestados do DMU. Inicialmente também não havia armário para guardá-los, portanto, eram levados para a escola todas as semanas no dia da oficina e devolvidos no dia seguinte ao Departamento (Figura 4). Esta foi uma das dificuldades encontradas no decorrer do primeiro ano de oficina.



Figura 4—Transporte de violinos do DMU para a escola Simão José Hess (Acervo PIBID MÚSICA UDESC, 2016).

Em 2017 foram providenciados armários para guardar os instrumentos. Em 2019 foi cedido outro armário para a sala da oficina de violino, portanto todo o material da oficina ficou mais organizado (Figura 5).



Figura 5 – Armário da oficina de violino (Acervo da autora, 2019).

Por não haver instrumento para todos, era feito um revezamento entre os/as alunos/as para o uso dos violinos disponíveis. Alguns estudantes já possuíam seu próprio instrumento, outros/as utilizavam os violinos do DMU, mas logo compravam os seus.

Além da oficina de violino ministrada por mim, desde 2018 acontece outra oficina de violino na escola, porém em outro horário, com o professor Henrique Ludice, aluno do Bacharelado em Viola da Udesc. Ele iniciou a oficina através do estágio e a manteve mesmo após a sua graduação como voluntário. Atualmente mantém as mesmas alunas da primeira turma, que tem mais tempo de experiência com o instrumento. É uma grande iniciativa, visto que possibilita uma assistência ainda maior resultando num melhor aprofundamento no instrumento.

3.1 SOB O OLHAR DA PROFESSORA

Através da minha experiência como professora da oficina de violino pude ver com clareza que o envolvimento com a música é muito maior quando o aluno tem uma vivência musical em grupo. É diferente de um aluno que inicia seus estudos fazendo aula particular, onde comumente não há contato com outros estudantes e toca apenas para/com o (a) professor(a).

A partir das observações realizadas os principais aspectos que se destacaram em relação ao ensino musical coletivo neste estudo de caso foram: motivação, aspecto colaborativo entre os alunos/as e o aprendizado por observação. Estes aspectos estão interligados durante o processo. Nenhum destes elementos acontece isoladamente neste contexto.

Tenho um aluno particular de 10 anos de idade que faz aula particular há dois anos. Antônio é um bom aluno e aprende com facilidade, mas sentia que faltava algo, alguma experiência musical extra (ou extra musical) que desse sentido ao que ele estava aprendendo. Recentemente (2019) conversei com sua mãe sobre a possibilidade dele participar da oficina de violino e da Orquestra Experimental na escola-núcleo. Ela rapidamente aceitou o convite e Antônio ficou muito animado com a ideia!

Na semana seguinte lá estava ele, acompanhado de seu avô, ambos com um brilho diferente no olhar. A alegria do avô e de seu neto encheram a sala e os olhos de quem os via participando pela primeira vez da sonorização da música “De Boas No Mato”⁷. Conheceram a história da “Girafa Sem Sono” através de sons, composta por quatro movimentos: a floresta, a chuva, as estrelas e a canção, “De Boas No Mato”.

Em apenas duas semanas de participação na oficina e na Orquestra pude perceber que estava mais animado, com mais interesse em aprender e até tocando melhor, pois estava praticando mais. Isso comprova que a interação em grupo desenvolve principalmente o aspecto motivacional do aluno.

Estar entre colegas é outro fator que contribui para a motivação, pois também estimula o aspecto colaborativo entre eles. Nesses três anos e meio de oficina

⁷ Peça composta especialmente para a Orquestra Experimental, por Marcelo Müller. *De Boas No Mato* é a quarta parte da sonorização (arranjo feito pelos participantes da Orquestra) da história *A Girafa Sem Sono* de Liliana Iacocca.

frequentemente me deparava com alunos ajudando uns aos outros, antes do horário da oficina e durante as aulas. Até mesmo crianças ensinavam os mais velhos e vice-versa (Figura 6). Este aspecto está também associado à aprendizagem por observação.



Figura 6 – Nina (à direita), 9 anos, ensinando a aluna nova (Mariana) de 11 anos (Acervo da autora, 2018)

Isso significa que as instruções e correções realizadas para um/a aluno/a podem ser observadas e assimiladas pelos demais da mesma forma que a própria maneira de ensinar. Em uma aula coletiva existe a possibilidade da aprendizagem por observação indireta, apenas por “estar ali presente” (SWANWICK, 1994).

Por várias vezes, enquanto explicava a postura para um aluno, era comum outros aproveitarem a explicação para corrigir os mesmos pontos em suas posturas. É possível afirmar, portanto, que o ensino coletivo é eficiente e tem muitos pontos positivos. Após algumas aulas, quando percebia que os alunos já estavam um pouco

mais seguros com relação à postura, uma das estratégias que utilizei foi formar duplas para ajudar um ao outro, fazendo-os assumir o papel de professor:

Pedir para os alunos formarem duplas: um aluno toca, o outro corrige a postura e ajuda a lembrar a sequência das notas. Depois trocam, quem estava tocando, desta vez corrige. Posteriormente, poderão tocar juntos. Enquanto realizam a atividade em duplas, a professora passará para verificar como cada um está tocando, tirar dúvidas e dar atenção individual. (Plano de aula, 19/05).

Esta estratégia sempre teve bons resultados, pois os alunos se sentiam capazes de ensinar e isso fez com que exercitassem o lado colaborativo entre eles. Além disso, eu conseguia dar mais atenção individual sem me preocupar em deixar os outros alunos esperando, já que estavam recebendo ou dando ajuda para o colega.



Figura 7 – Matheus (em pé) ensinando a postura da mão do arco para Marcos (sentado), entre eles, Nina observando. (Acervo da autora, 2018)

Como inicialmente eram poucos instrumentos e, mesmo ao longo do processo, os participantes possuíam diferentes experiências prévias com a música, as primeiras e talvez mais importantes “lições” que estiveram sempre presentes nas

aulas foram paciência e humildade. Estes são aspectos fundamentais a serem desenvolvidos em uma aula coletiva.

Com o tempo, o interesse dos alunos aumentou e cada um adquiriu seu próprio instrumento para praticar em casa. Era notável o progresso de cada aluno semana após semana. Por várias vezes, ao chegar à sala de aula, encontrava alguns alunos praticando músicas da Orquestra, músicas que aprenderam por conta própria na internet ou com outros colegas e outras que aprenderam na oficina de violino com o professor Henrique.

É importante que o aluno não dependa apenas do professor e desenvolva autonomia (Figura 8) para buscar ampliar seus conhecimentos no instrumento em que está aprendendo. Esta forma de aprendizagem é tão importante quanto a própria música, pois o aluno percebendo que é capaz de aprender sozinho se sente mais confiante no coletivo.



Figura 8 - Rayane (à direita) e Mara (à esquerda): afinando o violino sozinhas (Acervo da autora, 2019)

O aprendizado do violino é permeado por diversas técnicas que se apresentam como verdadeiros desafios no caminho trilhado pelos estudantes. O primeiro grande desafio para quem está iniciando seus estudos no violino é aprender a postura, a qual reflete diretamente na qualidade da produção do som do

instrumento. É de fundamental importância que desde as primeiras aulas, o professor esteja sempre atento para evitar que o aluno segure o instrumento com tensão para que não crie nenhum vício de postura.

Entretanto, em uma aula coletiva nem sempre é possível atender dificuldades pontuais de cada aluno, sobretudo em tão pouco tempo. No caso desta oficina, era preciso chegar pelo menos com 30 minutos de antecedência para começar a afinar os violinos guardados no armário e aos poucos, os instrumentos dos/as alunos/as que chegavam. Mesmo assim, alguns chegavam atrasados e isso dificultava o andamento da aula.

É compreensível que o primeiro foco de tensão no violinista seja gerado na época de aprendizado e consolidação da postura em relação ao instrumento. Nesta fase inicial, “o violinista se depara com uma barreira muito difícil de transpor já nas primeiras tentativas de tocar – o apoio do violino no corpo.” (KÖENIG, 2007, p.34).

Como professora habituada em dar aulas particulares, precisei “desapegar” em corrigir todos os detalhes de postura para cada um em todas as aulas, pois era a única professora. Além da postura, outro ponto que considero fundamental nesta fase inicial é que os/as alunos/as já sintam que estão “fazendo música” desde as primeiras aulas. Penso que se eu fosse concentrar somente na técnica do instrumento durante o ano todo, muito rapidamente desistiriam da oficina, pois o objetivo central do aluno é sempre aprender a tocar alguma música.

Como o tempo da aula era de apenas 1 hora, procurava demonstrar através da minha própria postura (a forma de segurar o arco, como apoiar o violino no corpo, qual a forma da mão esquerda, entre outros) e eventualmente auxiliava alguns alunos individualmente. Também era comum ficar até depois do horário da oficina dando assistência para alguns estudantes. A partir de 2018, adicionei 30 minutos da aula para conseguir atender melhor os/as estudantes interessados/as.



Figura 9 – Ensinando a postura aos alunos (Acervo PIBID MÚSICA UDESC, 2016).

Frente a isto, o ensino da postura pode ser considerado um dos pontos mais desafiadores em uma aula coletiva inclusive para o/a professor/a, principalmente quando não há um assistente para auxiliar. Em 2019, ano em que o número de alunos era consideravelmente grande, contei com a ajuda de três estudantes mais experientes para monitorar a postura dos alunos novos em algumas aulas. O que poderia ser um impedimento para o desenvolvimento torna-se um elemento potencializador da aprendizagem, pois de acordo com esta metodologia de ensino, o aspecto colaborativo reforça os conteúdos aprendidos. A estratégia foi separar a turma em 4 grupos, cada um com um “monitor” para ajudar a corrigir a postura dos colegas e também para ensinar trechos de músicas que estávamos estudando.

Nesta fase inicial do aprendizado do violino, período em que ainda se está aprendendo como segurar o instrumento, os alunos aprendiam por imitação, sem notação musical, pois leva um tempo considerável até que o estudante internalize a postura e entenda basicamente a técnica do instrumento, principalmente com relação à técnica do arco. Penso que é muita informação para o aluno, aprender a postura, técnica e leitura musical juntos.

A maneira mais simples que encontrei para a leitura foi escrever o nome das notas, colocando a digitação dos dedos acima e diferenciando as notas que ficam em outras cordas, como consta na figura abaixo: as notas que não possuem destaque situam-se na corda “lá”; as circuladas, na “mi” e as com triângulo na “ré”.

Os números correspondem aos dedos que serão utilizados em cada nota (Figura 10).

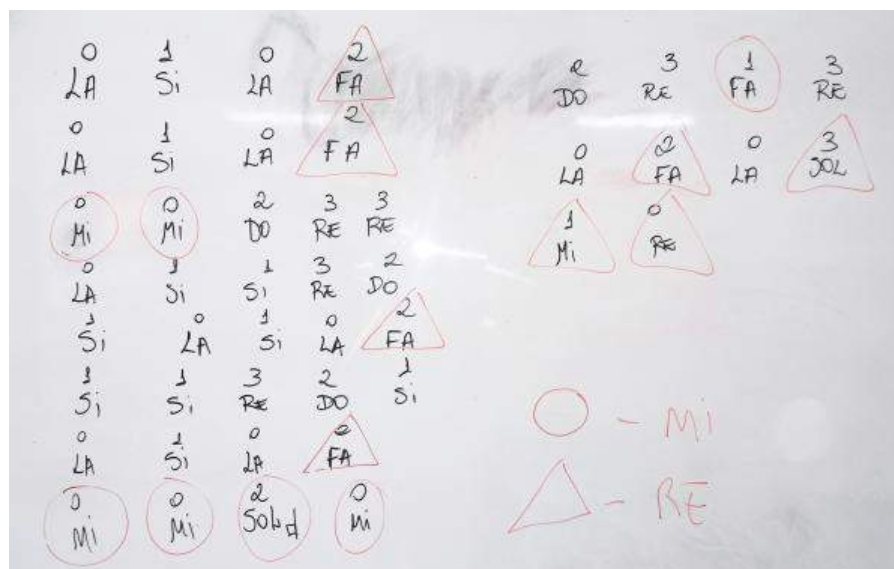


Figura10 – Forma de notação das músicas no quadro (Acervo da autora, 2018)

Posterior a essa fase inicial, aos poucos comecei a apresentar conteúdos de teoria musical, mas sempre ligada à prática, por exemplo, a parte rítmica da música que estavam aprendendo, depois a melodia no pentagrama, onde ficam as notas das cordas soltas do violino, etc. Tudo era escrito/desenhado no quadro.

No primeiro ano da oficina de violino o repertório foi direcionado inteiramente para o gosto musical dos/as alunos/as. A partir de 2017, momento em que foi criada a Orquestra, o tempo de 1 hora de oficina era aproveitado para ensaiar trechos do repertório da Orquestra e também para criar arranjos coletivamente.

Outro elemento importante nas minhas observações é sobre o efeito das apresentações realizadas pelos alunos ao longo dos anos. Tanto o engajamento nos ensaios bem como a reação de alunos e comunidade frente ao resultado final das apresentações trouxe questões importantes para reflexão acerca destas oficinas. Estas questões serão abordadas no item seguinte sobre a oficina de violino na orquestra experimental.

Ser professora também é estar sempre aberta para diálogos com a turma e conversas individuais. Muitas vezes assumi o papel de “psicóloga” para tentar dar suporte a assuntos pessoais de alguns alunos, de possíveis desentendimentos com colegas ou até mesmo de questões emocionais (relacionados ou não à música) que possivelmente afetam a motivação. É preciso ter a sensibilidade para perceber

quando o aluno precisa conversar, tentar entender o que estão sentindo, ouvir suas opiniões, isso só fortalece o vínculo entre professora e aluno/a.

3.2 SOB O OLHAR DAS/OS INSTRUMENTISTAS

Este tópico é composto por relatos sobre a experiência de alguns dos estudantes da oficina de violino a partir de entrevistas realizadas entre os anos 2018 e 2019. Foi importante contar com a percepção dos estudantes para avaliar e aperfeiçoar as aulas bem como este trabalho de conclusão de curso. Os depoimentos dos entrevistados ajudaram a refletir sobre todos os aspectos mencionados na pesquisa, os quais estão relacionados com a experiência musical de cada aluno.

Trago a seguir, alguns relatos que, em minha interpretação, apontam que aprender um instrumento musical em grupo pode desenvolver mais rapidamente questões relacionadas à motivação, à autoconfiança, à concentração, à criatividade, à autonomia, ao companheirismo entre colegas e professora, aos afetos familiares, entre outros tão importantes quanto estes.

Em entrevista realizada em junho de 2019, Antônio Tomaselli Houayek (Figura 11), meu aluno particular de 10 anos de idade, disse que sentia necessidade de ter um contato maior com a música, mais do que uma aula por semana. O aconselhei a freqüentar a oficina de violino e a Orquestra na escola Simão José Hess. Após 3 semanas de participação, diz se sentir muito feliz por tocar violino em grupo. Comentou que quando tem alguma dúvida basta olhar o que o colega ao lado está fazendo, ou seja, aprende por observação. Outro ponto observado por Antônio é que quando se está tocando em grupo, a concentração precisa ser ainda maior para saber a hora certa de começar a tocar e também para tocar junto com o grupo.

O apoio dos pais é outro fator que fortalece o envolvimento do estudante com a música, sobretudo quando eles também participam. Quando perguntei a Antônio sobre o que mais gostou em sua primeira apresentação com a Orquestra Experimental, disse que foi quando sua mãe subiu ao palco⁸ para cantar com a oficina de canto a música “Segue o Seco”, de Carlinhos Brown, música que tanto

⁸A mãe do Antônio começou a participar da oficina de canto na mesma época.

gostam. Completou ainda que a participação da mãe no coral é motivo de inspiração para seus estudos no violino.



Figura11– Antônio: aluno particular que participa da oficina e da Orquestra Experimental
(Acervo da autora, 2019)

Antônio afirma que gostou muito de participar da sonorização feita pela Orquestra Experimental sobre a história da “Girafa Sem Sono”. Segundo ele, a história contada através de sons e música fica mais alegre, “dá mais vida ao personagem!”

Outro ponto que chamou sua atenção foi que através dos sons fica mais fácil imaginar a história. “Normalmente quando lemos um livro não escutamos nenhum som, é preciso imaginar. Na história da girafa, como seria contar que uma estrela surgiu e depois outra, e outra, e outra, e outra...?” comenta Antônio. Ouvir o som de cada estrela através de sinos⁹ ou de uma chuva que se transforma em tempestade sonorizada através de sacolas plásticas transforma a imaginação de quem está participando e de quem está assistindo.

⁹ Instrumento chamado “sinos de mão”, com notas musicais de altura definida (cromáticas), individuais, de metal.

Bianca Tomaselli, mãe de Antônio, contou que passou a ouvir mais o som do violino em casa depois que seu filho começou a frequentar a oficina e a Orquestra da escola Simão José Hess. Em apenas três semanas, melhorou inclusive sua autoconfiança, comenta.

A dedicação e a vontade de tocar e mostrar seu som para outras pessoas aumentaram significativamente. Além disso, apesar de sempre mantermos uma boa relação familiar afetiva, nossa participação na Orquestra fortaleceu o vínculo entre mãe e filho. (Entrevista Bianca, 2019).

Em entrevista realizada em novembro de 2018, a aluna Caroline Tesser Rocha (Figura 12), ex-professora de Língua Portuguesa da escola e que já participa da Oficina desde 2017, considera a aula em grupo mais estimulante que uma aula individual, pois “a música acontece em grupo, é a junção de instrumentos, é a banda, é a orquestra.”

Caroline, que já foi estudante de piano durante sua infância e teve aulas individuais de instrumento, faz suas comparações com relação às aulas coletivas:

De certa forma, em uma aula individual o aprendizado é mais rápido, pois você tem o contato direto com o professor, tira dúvidas, pode repetir a música várias vezes até ficar “quase perfeita”, corrige detalhes da execução e consegue estudar mais conteúdos em menos tempo. E em uma aula coletiva, o aluno precisa se ajustar ao grupo. (Trecho de entrevista realizada em novembro de 2018)



Figura 12 –Caroline: ex-professora de português da escola Simão José Hess e estudante da oficina de violino (Acervo da autora, 2018).

Mara Regina de Oliveira Ceccon Coelho (Figura 13), de 59 anos de idade, professora bilíngue de libras da escola Simão José Hess desde 2014, e professora em mais duas escolas (em outros períodos) foi uma das primeiras estudantes da oficina de violino e permanece até o momento. Extremamente envolvida com a oficina e a Orquestra, sempre foi dedicada (mesmo não tendo tanto tempo livre, pois trabalha 60 horas por semana em sala de aula) e ajuda os colegas sempre que possível.

O engajamento era tanto que em 2018 foi convidada pela professora Vânia Müller, coordenadora do PIBID MÚSICA UDESC, para ser supervisora do programa na escola-núcleo. Desde então, cuida da parte da organização de materiais, organiza chamadas de presença, providencia autorizações dos pais de alunos quando tem apresentações em locais fora da escola, entre outras funções.



Figura13 – Mara: professora de libras da escola Simão José Hess e estudante da oficina de violino (Acervo da autora, 2019)

Inicialmente, Mara não imaginava que chegaria a tocar como está tocando hoje. “Eu achava que nunca aprenderia a tocar esse instrumento!”, brinca. Mas a partir de 2018 começou a se dedicar ainda mais e percebendo os resultados, ficou muito mais motivada. Ela e Rayane, que está no 3º ano do ensino médio, passaram

a se encontrar todos os dias na escola para estudarem juntas (Figura 14). Uma ajudava a outra com as músicas da orquestra, ou do método Suzuki¹⁰ ou ainda músicas que aprenderam na internet.



Figura14 – Mara (à esquerda) e Rayane(à direita) estudando juntas, antes do horário da oficina. (Acervo da autora, 2019)

Mara afirma que gosta das aulas coletivas, pois aprende a ouvir e a tocar junto com os colegas. Porém, considera um exercício de paciência, pois atualmente se encontra num nível mais experiente do que os alunos que estão freqüentando a oficina há pouco tempo. Sem dúvida, este é um dos grandes desafios para os estudantes que tocam há mais tempo ou tem mais facilidade em aprender.

Especialmente no ano de 2019, havia em média 9 alunos iniciantes, os quais nunca tiveram experiência com outro instrumento, e pelo menos 5 que participavam da oficina há mais tempo ou que já tinham tido alguma experiência anterior.

Nina Costa Cunha, de 9 anos e Matheus Gonçalves, de 10 anos(Figura 15), são alunos da escola Simão José Hess, frequentam a oficina de violino há dois anos eambos consideram que aprender em grupo é mais divertido por estar tocando e aprendendo com os colegas.

¹⁰ Método desenvolvido pelo professor Shinichi Suzuki (1898-1998) concebido para desenvolver o potencial inato de todas as crianças através do conceito de que todas as crianças são capazes de aprender, assim como aprendem sua língua materna (Associação Musical Suzuki, 2019).



Figura 15 – Nina e Matheus: “aprender entre colegas é mais divertido” (Acervo da autora, 2018)

Mônica Galnares (Figura 16), de 50 anos, natural de Chañar Ladeado, província de Santa Fé, na Argentina, atualmente mora em Garopaba -SC e vem para Florianópolis especialmente para fazer aula de dança (tango) e a oficina de violino. Participante da oficina há apenas 1 mês, contou que seu interesse pelo violino veio através do tango, onde o violino é um dos instrumentos mais presentes, e também por ser um instrumento pelo qual sempre se emociona por sua sonoridade.



Figura 16 – Mônica: da comunidade para a escola (Acervo da estudante, 2019)

Mônica ficou sabendo da oficina de violino por uma amiga, professora da escola. Comentou que inicialmente foi desafiador fazer parte de um grupo de escola onde não conhecia ninguém principalmente com tantas diferenças de idade.

“Os comportamentos diferentes inerentes à maturidade de cada um faz com que seja desafiador, mas é rico, porque a gente aprende muito a lidar com essa diferença de idade e de interesses para se formar como grupo. Para mim é um aprendizado importante, porque um dia estarei preparada para participar de outros grupos. O aprendizado em grupo certamente é mais lento do que se fosse sozinha, em uma aula particular, mas não menos rico.” (Entrevista Mônica, 2019)

Henrique Martin da Silveira (Figura 17), de 15 anos de idade, estudante do 1º ano do ensino médio da escola, participa da oficina de violino desde o início de 2019. Antes da experiência com o violino, aprendeu por conta própria violão, baixo, piano e, na escola, flauta e teoria musical. Por conta deste conhecimento anterior e por sua dedicação, teve mais facilidade em aprender o violino. Isso fez com que desenvolvesse seu lado colaborativo nas aulas, pois teve que contar com a sua ajuda em diversas aulas para auxiliar os alunos iniciantes, já que era somente eu como professora diante de 14 alunos. “Ajudar os colegas é bom, porque além de poder ajudar a professora eu também aprendo ensinando os colegas. Eu não sei muita coisa, mas o que eu consigo ajudar, eu ajudo”, comenta.



Figura 17 – Henrique, estudante do 1º ano da escola Simão José Hess (Acervo da autora, 2019).

Novamente entra em foco o fato do estudante se sentir capaz de ensinar. Isso sem dúvida reforça a autoconfiança e a motivação para tocar e ajudar os colegas.

Outros relatos foram registrados em vídeo no primeiro semestre do ano de 2016¹¹, durante meu período de estagiária. Esses relatos reforçam todos os demais descritos acima. Os alunos que participaram desta entrevista são: Júlia Soares, Mara Regina de Oliveira Ceccon Coelho e Alison Manarin Vizoni. O vídeo pode ser assistido por aparelho celular escaneando o código abaixo através de qualquer leitor de código QR¹².



3.3 A OFICINA DE VIOLINO NA ORQUESTRA EXPERIMENTAL

A ideia de um grande grupo surgiu em 2016, onde ao final do horário das oficinas todos compareciam à sala de vídeo para unir os sons, experimentar timbres, arranjos ou “fazer soar”, como prefere expressar Vânia Müller, professora coordenadora do PIBID MÚSICA UDESC. Devido ao grande entusiasmo dos estudantes ao ensaiarem e se apresentarem coletivamente, em 2017 um novo dia da semana foi acrescentado no calendário das atividades musicais para dar início aos primeiros ensaios oficiais da Orquestra Experimental, inicialmente chamada de Orquestra do PIBID.

Com a proposta de que qualquer pessoa pode participar, a Orquestra está sempre aberta para receber novos participantes, estudantes e professores/as da escola e comunidade, independente da idade, do nível musical em que se encontra, do instrumento que toca, acolhendo mesmo quem nunca teve alguma experiência anterior com a música. Além de ser um espaço aberto à criação e experimentação de arranjos, de instrumentos diferentes e sonoridades é um espaço que estimula a interação musical e consequentemente as relações interpessoais do grupo.

¹¹ (Vídeo: ACERVO PIBID MÚSICA UDESC)

¹² Pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera.

Mônica, que frequenta a oficina de violino há apenas 1 mês, conta sobre sua experiência na apresentação da Orquestra Experimental no dia 11/06/2019, na Faculdade de Educação (FAED):

Quando me apresentei junto à orquestra, eu achei maravilhoso! Eu não sabia tocar quase nada, mas consegui me integrar e me sentir confortável com o pouco que sabia no meio de toda aquela sonoridade super rica. Foi importante para começar a entender como é tocar em grupo. (Entrevista Mônica, 2019)

Pela perspectiva de Small (1998) pode-se entender o que é música e qual a sua importância na vida humana a partir de dois aspectos que a constituem: o “comunitário e o “vivencial”. Segundo o autor, o aspecto “comunitário” da música feita em conjunto acontece através da ação e das relações humanas a partir de uma performance (independente de saberes musicais ou técnicos) e a qualidade do “musicar” terá a qualidade das relações estabelecidas entre as pessoas no momento da performance musical. Para Small (1999) a palavra “música” não deveria ser um substantivo, mas sim um verbo (no gerúndio), já que ela não existe se não estiver acontecendo. Ele cria então o verbo “musicking” – que também não existe em sua língua nativa, o inglês – para expressar a ideia de participar de uma performance musical, seja cantando ou tocando.

A estudante Caroline Tesser Rocha afirma que tocar em grupo proporciona momentos ricos de encontro e aprendizagem. Sua fala ilustra o que pode ser interpretado como o “aspecto comunitário da música”: “Tocar na orquestra é como se a gente fizesse parte de uma grande família, é uma outra experiência do que somente ter aulas individuais. Nos dá alegria, motivação e vontade de tocar” (Entrevista Caroline, 2018).

O aspecto “vivencial” da música parte do princípio de que “toda arte é ação, performance, [...] e seu significado não reside no objeto criado mas nos atos de estar criando, estar expondo, e estar percebendo” (SMALLapud MÜLLER, 2000, p. 65). Esses dois aspectos estão interligados a todos os outros observados nesta pesquisa.

O comprometimento, a vontade de estar, de pertencer à composição, de combinar os sons num “conjunto, multicolor e multiforme que ia se dando a ver como

as tintas na tela do pintor”¹³ estão presentes na orquestra, cada um com sua contribuição musical reafirmando o princípio fundamental de que “todo ser humano é dotado de musicalidade”¹⁴.

Estas “confraternizações musicais” fizeram com que a motivação e o progresso dos alunos crescessem significativamente, pois estavam “musicando”, aprendendo conteúdos de música. Além de ser um encontro entre colegas fora do horário de aula, estavam fazendo música juntos. A experiência de tocar em uma orquestra proporciona o contato com outros instrumentos, possibilitando o “ouvir” e o “experimentar”, vendo como os outros instrumentos funcionam e que timbres eles têm. A prática musical desses alunos começou a ter mais sentido.

Neste sentido, Caroline também afirma que a prática com a Orquestra contribui no sentido motivacional e desperta o interesse por outros instrumentos: “...as pessoas ficam animadas para tocar, tocamos um repertório diferente, e, às vezes, até desperta a vontade de cantar, de tocar violão, instrumentos de percussão, piano, etc” (entrevista Caroline, 2018).

A mesma entrevistada comenta que a prática musical em grupo favorece questões para além da música, como, por exemplo, a autoestima, pois a pessoa “se sente importante em fazer parte daquele grupo.” A prática coletiva, portanto, reforça a autoconfiança, outro aspecto importante para o desenvolvimento musical.

Tocar músicas com as quais os alunos se identificam também os ajuda a se aproximar do instrumento e a sentir uma maior motivação para o estudo individual:

Há teorias que se você gosta do professor, você gosta da matéria. Portanto, há uma aproximação de que se você aprende uma música que você gosta, conseqüentemente você irá aprender mais rápido e ficar mais motivado. (Entrevista Caroline, 2018)

Aprender músicas que fazem parte do gosto musical dos alunos também pode contribuir para a motivação. Em 2017, os alunos Caroline Bittencourt e Igor, reuniram-se com alguns colegas da oficina de violão para ensaiar por conta própria a música *Sadness and Sorrow*, trilha do desenho *Naruto*. Tocar algo presente em suas vidas impulsionou o desenvolvimento técnico e sonoro no violino em função de

¹³ Palavras da professora Maria Conceição Coppete em seu depoimento sobre a Orquestra Experimental situado na página 23 deste trabalho.

¹⁴ Frase retirada do discurso da professora e coordenadora do PIBID MÚSICA Vânia Müller, após a apresentação da Orquestra Experimental na FAED – UDESC dia 11/06/2019.

ficarem espontaneamente, tentando acertar e conseguir fazer soar a música de um desenho com o qual se identificavam muito.

A autonomia e força de vontade em aprender esta música ecoou pelos corredores durante a elaboração do arranjo que fizeram juntos, neste pequeno grupo, criando e experimentando timbres, melodias e ritmos. Isto, de fato, chamou a atenção de professores e alunos de outras oficinas a ponto de incluirmos esta música no repertório da Orquestra. Ou seja, se anteriormente esta música já tinha um grande significado para eles, é quase impossível de traduzir aqui, em palavras, a emoção e entusiasmo desses alunos ao ouvir e tocar a música que tanto gostavam em uma potência sonora muito maior que antes não previam.

Por outro lado é importante apresentar músicas que não são do universo dos estudantes para que se amplie o conhecimento musical e intelectual. Aprender música é também conhecer culturas diferentes. Dentre as músicas que compunham o repertório da Orquestra, duas foram sugestões do Estevão Javela, estagiário e aluno do curso de Licenciatura em Música da UDESC, nascido na cidade Lubango, situada ao sul de Angola. No ano de 2018, as músicas que compuseram o repertório foram: *Segue o Seco*, de Marisa Monte, *De Boas no Mato*, de Marcelo Müller, *HumbiHumbi* e *Kambambe* (ambas canções Angolanas). Naquele ano a orquestra teve aproximadamente 2 apresentações na escola e 1 na FAED (UDESC). No primeiro semestre de 2019 (11/06) novamente convidaram a Orquestra Experimental para tocar no auditório da FAED.

A abrangência da experiência da Orquestra extrapola o efeito nos estudantes. As apresentações frequentemente suscitam comentários e reações de surpresa do público. No dia 11/06/2019 a orquestra se apresentou na FAED (Figura 18), conforme mencionado anteriormente, por ocasião de um convite realizado pelas professoras do curso de Geografia e Pedagogia que aproveitaram a oportunidade e convidaram seus alunos para assistir. O objetivo era identificar e perceber o papel transformador da educação musical a partir da observação de práticas pedagógico-musicais realizadas pela Orquestra Experimental da escola Simão José Hess.

A apresentação incluía 3 músicas¹⁵, com participação da plateia¹⁶ na música “De Boas No Mato”. Ao final, uma das professoras manifestou espontaneamente seu

¹⁵ É D’Oxum (Gerônimo / Vevé Calazans), De Boas no Mato (Marcelo Müller) e Segue o Seco (Carlinhos Brown)

¹⁶ A plateia ajudou a criar o cenário da chuva na floresta com sacos de papel, sob a regência da professora Vânia Müller.

depoimento logo após a apresentação. Maria da Conceição, mais conhecida como “Cuca”, chamou atenção em seu discurso sobre os olhares e a concentração dos alunos enquanto tocavam. Além disso, destacou que é preciso repensar sobre as práticas pedagógicas:

“Como é que a gente afeta? Porque aprendizagem é afetação, é você conseguir tocar. E a gente pensa que tudo é “cabeça”. A pedagogia anda muito nesse lugar. Falta tanto diálogo, tanto encontro com a música, que eu penso que se a gente conseguisse fazer mais isso, nós conseguiríamos colocar mais cor, mais vida, mais musicalidade, sobretudo nos tempos sombrios, mais sombrios do que nunca, que nós estamos vivendo agora. Como podemos fazer soar? É isso que precisamos aprender.” (Trecho do discurso, Maria da Conceição, 2019)

Aproveitando seu entusiasmo solicitei um relato por escrito que se encontra em destaque no início deste trabalho. Sua dedicação com a questão gerou um texto que é transcrito integralmente pela riqueza de suas reflexões. O registro em vídeo desta apresentação encontra-se disponível através do código QR abaixo:



Figura18 - Apresentação da Orquestra Experimental, dia 11/06/2019, no auditório da FAED. (Acervo da autora, 2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas neste trabalho foram fundamentais para meu processo reflexivo enquanto professora em formação. Através desta pesquisa foi possível refletir, compreender e analisar sob diversos ângulos minha experiência como professora oficina de violino e da Orquestra Experimental junto aos estudantes da escola Simão José Hess. Possibilitou, principalmente, acreditar que o ensino coletivo é transformador, onde o conhecimento sobre música e aspectos importantes sobre as relações sociais caminham juntos.

No processo de análise das entrevistas foi possível identificar aspectos recorrentes na experiência de cada entrevistado os quais permitiram aprofundar o olhar sob aspectos importantes no ensino coletivo. Os principais aspectos destacados foram: motivação, colaboração entre os estudantes e o aprendizado por observação. Estes aspectos são essenciais para que o aprendizado em grupo se desenvolva de forma consistente. Outros aspectos importantes observados no decorrer desta pesquisa são os relacionados à autoconfiança, à concentração, à criatividade, à autonomia, ao companheirismo entre colegas e professora, aos afetos familiares, entre outros. Todos estes aspectos desenvolvem-se mais rapidamente através de aulas coletivas.

Também foi possível comparar, através de um exemplo real, as transformações no aprendizado de um aluno particular que passou a frequentar aulas coletivas. Ficou claro que o aprendizado é muito mais eficaz e motivador quando no entorno há práticas coletivas que promovam a interação musical e social. Outro fator que fortalece o envolvimento do estudante com a música é o apoio dos pais, sobretudo quando eles também participam das atividades. A união desses fatores torna a noção de coletividade mais completa.

A partir da experiência desta pesquisa e da minha atuação como professora na escola Simão José Hess, foi possível desenvolver processos de ensino bastante distintos dos quais conhecia anteriormente, ao dar aulas particulares. Foi desafiador em diversas circunstâncias, mas muito mais gratificante ao perceber o nível de envolvimento e de satisfação que uma experiência como essa pode oportunizar aos estudantes e a nós, professores. Isso nos faz refletir o quanto a educação precisa destes momentos, o quanto precisamos “fazer soar” e o quanto é fundamental levar isso para o cotidiano e para a vida.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO MUSICAL SUZUKI. Disponível em: <http://www.associacaomusicalsuzuki.com.br/metodologia-suzuki/> Acesso em: 11 de Jun. 2019.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria dos métodos**. 1. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- CARBONERA, Mariana. **Ensino coletivo e em grupo: relatos de duas práticas pedagógicas de violino**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado de Santa Catarina, Bacharelado em Música, opção/violino, Florianópolis, 2014.
- CRUVINEL, Flavia Maria. **Efeitos do Ensino Coletivo na Iniciação Instrumental de Cordas: A Educação Musical como meio de transformação social**, Vol.1. Goiânia: Dissertação de Mestrado - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2003, 217p.
- CRUVINEL, Flavia Maria. **Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: aspectos históricos**. In: I Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Anais.Goiânia: 2004, p. 76-80.
- FUNARTE. **Painel Funarte de Ensino Coletivo de Cordas: abertura homenagem Alberto Jaffé**. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/musica/painel-funarte-de-ensino-coletivo-de-cordas/> Acesso em: 26 de Nov. 2018
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- KÖENIG, Izabela. **Dort e violino: propostas para um tocar saudável**. 2007. 74 p. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Música, Música, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000000/0000000000006/00000605.pdf>>. Acesso em: 11 de Nov. 2018.
- MONTANDON, Maria Isabel. **Ensino Coletivo, Ensino em Grupo: Mapeando as questões da área**. In: I Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. **Anais**. Goiânia: 2004, p.44 – 48.
- MÜLLER, Vânia Beatriz. **A música é, bem dizê, a vida da gente: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal Porto Alegre – EPA**. 2000. Dissertação. (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- NASCIMENTO, *Marco Antonio Toledo*. **O ensino coletivo de instrumentos musicais na banda de música**. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) Brasília – 2006. p.94-98.
- NORONHA, Lina Maria Ribeiro de. **O Canto Orfeônico e a construção do conceito de identidade nacional**. São Paulo: Simpósio Internacional Villa-Lobos - Usp, 2009. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/etam/vilalobos/resumos/CO001.pdf>>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

PIBID. Disponível em: <https://pibidmusicadesc.wixsite.com/pibidmusicadesc/o-pibid/> Acesso em: 11 de Abril 2019.

SMALL, Christopher. **Musicking: the meanings of performing and listening**. Hanover: Wesleyan University Press, 1998.

SWANWICK, Keith. **Ensino Instrumental Enquanto Ensino de Música. In: Cadernos de Estudo: Educação musical 4/5**. São Paulo: Atravez, 1994. Disponível em: http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/ensino_instrumental.htm. Acesso em: 17 de Nov. 2018.

TOURINHO, Cristina. **Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história**. 2007. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_e/Ensino%20Coletivo%20de%20Instrumentos%20Musicais%20Ana%20Tourinho.pdf. Acesso em: 3 de Ago. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1a ed. São Paulo: Atlas, 1987.

YING, Liu Man. **O Ensino Coletivo Direcionado no Violino**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Música) - Escola de Comunicações e Artes, São Paulo.

ANEXOS

ANEXO 1

Modelo de Plano de Aula¹⁷

Plano de aula para 14/04/2016

- Apresentação da professora e alunos por meio de conversa.
- Apresentação do instrumento (suas partes, acessórios e sonoridade).

1) Partes do violino e acessórios

Figura 1 – Partes do violino



Figura 2 -Principais acessórios do violino: breu, ombreira, cordas e afinador

2) Postura

¹⁷Plano de aula realizado durante o período de Estágio I.



Figura 3 – Posição de descanso

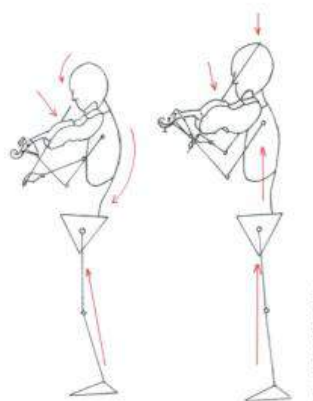


Figura 4 – Posição de tocar¹⁸

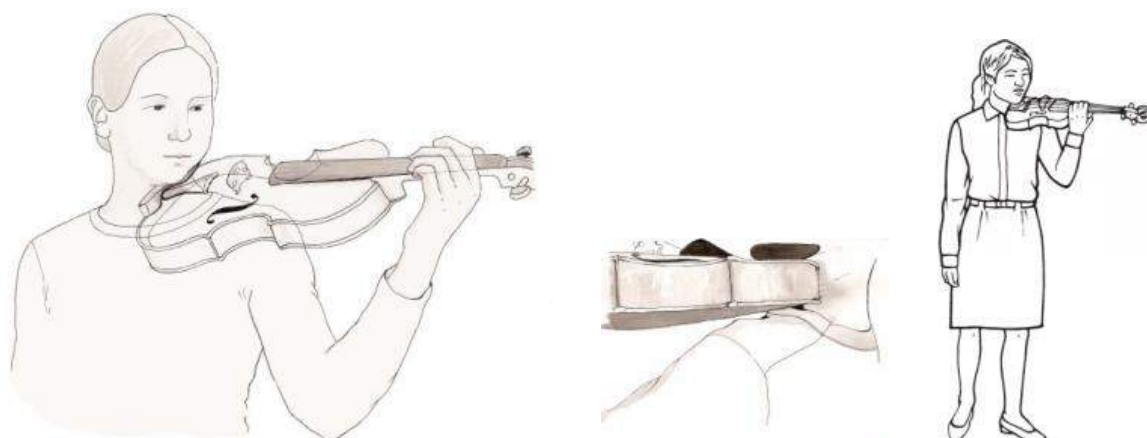


Figura 5 - Violino apoiado na clavícula, levemente inclinado, paralelo ao chão e no mesmo ângulo do pé esquerdo.

¹⁸Tronco, cabeça e violino alinhados.

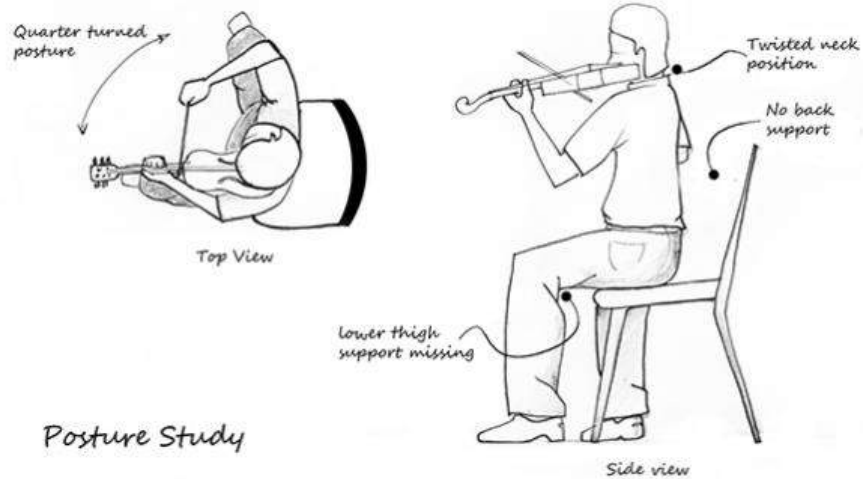


Figura 6 - Postura sentado¹⁹

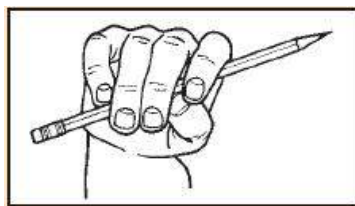


Figura 7 – Postura da mão direita no lápis²⁰



Figura 8 - Postura da mão direita no arco

3) Exercícios de corda solta

- Arcadas lentas e curtas em uma corda movimentando apenas o antebraço para que o arco se mantenha no meio, entre o cavalete e o espelho.
- Praticar movimento do braço em mudança de corda. Neste caso, o braço todo se movimentará como uma “gangorra”, deixando o arco preso na corda

¹⁹ Sentar na ponta da cadeira, com as pernas afastadas e com os pés bem apoiados no chão, coluna alinhada e violino paralelo ao chão.

²⁰ Alternativa para aprender a postura da mão direita (arco). Possibilita que o aluno possa estudar a postura mesmo não tendo o instrumento inicialmente.

sem produzir som ou ruído até que o arco alcance o ângulo necessário da corda desejada.

- Praticar o ritmo da primeira variação do *Brilha Brilha Estrelinha* (*Twinkle, twinkle little star*), primeira música do Método Suzuki:

a) Na corda mi, acrescentando pausas entre as repetições e, posteriormente, sem pausas.



Figura 9 – Ritmo da música *Twinkle, Twinkle Little Star*, Método Suzuki para violino, volume 1.

b) Mudança de corda com pausas (as flechas indicam o momento de mudar de corda), movimento “gangorra”. Depois de internalizar bem o movimento do braço, realizar o mesmo exercício sem pausas, como mostra o exemplo abaixo.



Figura 10 – Exercício retirado do Método Suzuki para violino, volume 1.

ANEXO II

Questões propostas aos estudantes da oficina de violino

1. As aulas em grupo contribuem para uma maior motivação no estudo individual do violino? Comente.
2. Qual a importância da prática de Orquestra para a Oficina de Violino?
3. O que sente ao fazer parte da Orquestra, fazendo música com alunos e professores de outras oficinas?
4. O fato de ter tocado alguma música com a qual você se identifica ajudou a aproximar-se do instrumento e a sentir uma maior motivação para o estudo individual? Comente.
5. As aulas em grupo podem ajudar a desenvolver aspectos importantes para a formação musical. Comente brevemente sobre cada um dos itens abaixo relacionando- os com sua experiência:
 - a) Motivação
 - b) Concentração
 - c) Confiança
 - d) Responsabilidade
 - e) Espírito de grupo
 - f) Vivência em grupo
 - g) Aprendizagem através da observação – direta e indireta
6. Como é para você aprender um instrumento musical com pessoas de idades variadas, por exemplo, com crianças e adolescentes?
7. Qual sua opinião sobre as oficinas de música do PIBID na EEEB Simão José Hess?
8. Comente sobre a importância da música em sua vida.

ANEXO III

Questões propostas à professora Maria da Conceição (Pedagogia/FAED)

- 1) Descreva o que chamou sua atenção na apresentação do dia 11/06/2019 que ocorreu no auditório da FAED. Por quê?

- 2) Por que é interessante compartilhar essa experiência com estudantes da Pedagogia? O que essa experiência pode ensinar para a educação?

ANEXO IV

De boas no mato

Piano

Marcelo Müller

$\text{♩} = 90$

A7M B/A Dm6/A A7M

5

A7M B/A Dm6/A A7M A7M

10

B/A Dm6/A A7M E/G# F#m7 B7

15

Bm7 A7M C#7/G# F#m7 B7 Bm7

20

Esus A7M B/A Dm6/A

24

A7M A7M B/A Dm6/A A7M

marcelo.unirio@gmail.com



Recital de Encerramento
Pibid Música 2018
10 de dezembro de 2018



CEARTE

Pibid
MÚSICA



Alunos

| | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| ADRIAN TOLHIDO DO PRADO OLIVEIRA | LAYSSA VIEIRA MIRANDA |
| ADRIANA BRUNO | LUIS FERDINANDO PASSICANTRE |
| ALISSANDRA P. S. BERNKEMANN | MANUELA DE OLIVEIRA PHILIPP |
| ALINE MACIEL DA SILVA JOAQUIM | MANUELLA NICH GIEBES |
| ANA HEAVEN SALVADORI DA SILVA | MAIRA RIBEIRA DE O. C. CORREIA |
| ANA CLARA FRANCO | MARCOS VINICIUS SOUZA PERSSA |
| ANA CLARA PALMA RIOS | MARIA EDUARDA DA SILVA DE OLIVEIRA |
| ANNA LUISA CARVALHO PRAGA FERREIRA | MATHEUS G. COSTA V. DA SILVA |
| ARTHUR BERNKEMANN MARTINS | NINA COSTA CUNHA |
| CAROLINE TESSER DA ROCHA | NIRSA DE OLIVEIRA CUNHA |
| CHRILLI JENNER | OSVALDO VIEIRA JUNIOR |
| DENISE LAURIBIRO | PEDRO MATHEUS BELLER CARDOSO |
| DERIVY FERREIRA PEREIRA | RAFAELLY ROSSICA DOS SANTOS BATISTA |
| EDUARDA CONTI VIGGIANTE | RAISSA ROCHA MATA |
| EDUARDO BRAG ABADIA | RAVANNA CARSONARA |
| EDUARDO BRAG ABADIA | RAYANE P. DA R. SOUZA |
| GABRIELA MAGALHAES GRUBERT | ROSEMEIRE REGINA DA S. DE OLIVEIRA |
| CECYANE MARIA BELISSI | SAMUEL DE CASTRO MARSSON |
| GUILHERME TOLHIDO DO P. DE OLIVEIRA | SANDRA DE SOUZA PAZ |
| JOANA MACHADO RAUFI | SOPH. ALICE DA SILVA |
| TELLA STEPHANI OLIVA WALTER | SOPHIA SABELLE RODRIGUES |
| KARLE RIBEIRA MENZ | TRIPANY DE OLIVEIRA PHILIPP |
| LARISSA SOPHIA MEDINA DELGADO | VELIANA CAROL LIMA GEA |
| LAURICI DA SILVA SANTOS | |

Professores

| | |
|--------------------|----------------|
| ESTEVÃO JAVIERA | MATHEUS SILVA |
| PHILIPPE PAULTEZ | OLGA LAFORET |
| HENRIQUE RUDICE | PABLO VENUTO |
| JOSE CORATO | ROVANI RIZARDI |
| TELLA DABELLA | SANTIANO LIMA |
| TELLANA SCHMIDT | SIAMON BATISTA |
| KARINE STROHNER | YVES JANIERI |
| MATHEUS LAURENTINO | |

Coordenadoras

VANIA BERTZ MULLER

MARA RIBEIRA DE O. C. CORREIA

Programa

Oficina de canto
Tema - América

Oficina de canto e Oficina de piano
Canto do povo de algum lugar - Cartão Vídeo

Oficina de violino

Liguty Row - Folk song

Song of the Wind - Folk song

Go Tell Aunt Rhody - Folk Song

Oh, Come Little Children - Folk Song

Noite Folia - Franz Gruber

Oficina de piano

Asa Branca - Luiz Gonzaga

Havana - Camilo Cabalo

Ode à Alegria - Ludwig Van Beethoven

Trio de pife, piano e pandeiro

Choro de Lera - Cicoris de Dona Teó

Notícias do Brasil - Milton Nascimento

Orquestra

Huanda Huanda - Fadoiro Angulani (Adaptada por Figue Mulenga)

Kambambe - Fadoiro Angolano

De Bom no Mato - Marcelo Miller

Prisões Sinos da Ilha de São Paulo - "A guita era meu" de Lúcia / Sérgio Brown

Sergio o Serco - Carlitos Brown

Interpretação Especial

Vozes dos Sinos (voz)

Música de Câmara (at. improvisada)